

Ciência agroecológica e mulheres quilombolas: saúde, saberes da tradição e desenvolvimento sustentável na Amazônia

RESUMO

Luiz Henrique Gomes dos Santos

bioluizhenrique@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0003-0128-2479>

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil.

Jacirene Vasconcelos de Albuquerque

jacirene@uepa.br
<https://orcid.org/0000-0003-1884-1812>

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil.

Este trabalho se propõe a compreender como as práticas agroecológicas realizadas por mulheres quilombolas, especialmente no cultivo e manejo de plantas medicinais, contribuem para a promoção da saúde e o desenvolvimento sustentável na Amazônia. Esta pesquisa foi concretizada com a participação de sete mulheres do Quilombo Menino Jesus de Pitimandeuá, localizado no município de Inhangapí, no estado do Pará. No que diz respeito à caracterização metodológica, trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, pesquisa de campo, em que a coleta dos dados ocorreu nas casas e quintais de mulheres quilombolas participantes da investigação. Adotou-se a entrevista semiestruturada individual como instrumento de coleta de dados e para a sistematização e análise dos dados foram elaboradas categorias analíticas e temáticas, com o objetivo de investigar os métodos de ensino utilizados por elas. Para a participação nesta pesquisa, foi obtido o consentimento livre e esclarecido por meio da assinatura do termo correspondente. Os resultados apontam que os ensinamentos, as aprendizagens e os conhecimentos acerca da ciência agroecológica das ervas contribuem para saúde e desenvolvimento sustentável do Quilombo Menino Jesus de Pitimandeuá, na Amazônia Paraense.

PALAVRAS-CHAVE: Meio ambiente. Práticas agroecológicas. Plantas medicinais. Ensino-aprendizagem

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um desdobramento da pesquisa em desenvolvimento no Mestrado Profissional em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia -PPGEECA, do Centro de Ciências Sociais e Educação - Campus I - CCSE, da Universidade do Estado do Pará - UEPA. O programa com seu Projeto Pedagógico suscita estudos, discussões, reflexões críticas, pesquisas e proposições de produtos e processos educacionais sobre a formação de professores e o processo de ensino e aprendizagem de Ciências sobre questões socioambientais com enfoque nos contextos amazônicos. Isso permite compreender as dinâmicas locais, valorizando o papel dos educadores na construção de práticas pedagógicas que dialoguem com a realidade da região.

Este estudo aborda o papel das mulheres quilombolas na promoção de saúde e sustentabilidade com práticas agroecológicas na região amazônica. A agroecologia, como campo de conhecimento, propõe a integração de princípios ecológicos e sociais na agricultura, enfatizando o respeito aos ecossistemas locais e a valorização dos saberes tradicionais (Karnopp; Quadros; Cadoná, 2024).

Neste contexto, as mulheres quilombolas destacam-se como guardiãs de conhecimentos ancestrais, especialmente no cultivo e manejo de plantas medicinais. É importante ressaltar, a importância desses saberes para a saúde das comunidades e para o desenvolvimento sustentável. A integração desses saberes promove práticas educativas cotidianas que incentivam e fortalecem a sustentabilidade socioambiental.

A Amazônia brasileira, caracterizada por sua vasta sociobiodiversidade, é composta de comunidades tradicionais, entre elas os quilombos. As comunidades quilombolas, formadas por descendentes de africanos escravizados que resistiram aos processos colonizatórios, mantêm práticas culturais e saberes que se articulam com os recursos naturais e o território que habitam.

Entre esses saberes, os conhecimentos mediados de geração em geração pelas mulheres quilombolas têm se mostrado fundamentais para a manutenção da sustentabilidade local, especialmente no que diz respeito à agricultura, medicina natural e manejo dos recursos naturais (Quadros, 2022).

No entanto, no cenário contemporâneo, essas comunidades enfrentam desafios cada vez maiores diante da pressão das mudanças climáticas, desmatamento, exploração de recursos e a expansão de políticas e tecnologias voltadas para a modernização agrícola. Neste contexto, surge a necessidade de promover uma integração entre os saberes tradicionais e os saberes científicos, buscando estratégias de sustentabilidade que respeitem as identidades culturais quilombolas e, ao mesmo tempo, aproveitem os avanços científicos para lidar com os desafios ambientais.

As práticas educativas desempenham um papel central nesse processo de integração. As mulheres quilombolas, em particular, são protagonistas nos ensinamentos dos saberes da tradição que contribuem para saúde e desenvolvimento sustentável na Amazônia. Diante deste contexto apresentamos a seguinte questão problema: Como as práticas agroecológicas realizadas por mulheres quilombolas, especialmente no cultivo e manejo de plantas medicinais,

contribuem para a promoção da saúde e o desenvolvimento sustentável no Quilombo Menino Jesus de Pitimandeu-PA?

Na próxima seção, será discutida a relevância histórica e cultural da Comunidade Quilombola Menino Jesus de Pitimandeu, localizada no município de Inhangapí, Pará. Serão abordados aspectos relacionados à certificação da comunidade como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares (FCP), ressaltando a importância da preservação das tradições e da identidade cultural quilombola. Além disso, será analisado o papel dessa comunidade no contexto regional, destacando sua resistência e os desafios enfrentados pelas famílias que a compõem, especialmente no que se refere à luta por reconhecimento e direitos.

COMUNIDADE MENINO JESUS DE PITIMANDEUA

A Comunidade Quilombola Menino Jesus de Pitimandeu está localizada no município de Inhangapí - Pará, na área de transição entre a região metropolitana de Belém e o Nordeste paraense. Para melhor compreensão da localização da comunidade segue a figura 1, abaixo:

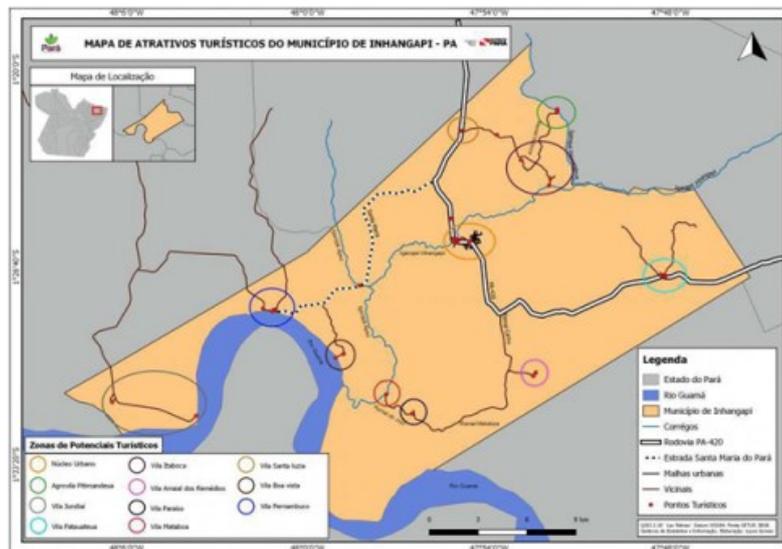
Figura 1 - Entrada e vista panorâmica da Comunidade Quilombola de Pitimandeu



Fonte: Autoria própria (2024).

Na figura 1, observa-se a entrada e a vista panorâmica da Comunidade Quilombola Menino Jesus de Pitimandeu, localizada no município de Inhangapí, Pará. A entrada simboliza a cultura e a resistência das 55 famílias que compõem a comunidade, certificada como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares – (FCP). Na figura 2 a localização da comunidade.

Figura 2 – Localização de Comunidade Quilombola de Pitimandeuá



Fonte: Inventário Turístico Inhangapi/PA (2018).

A comunidade é localizada próximo a cursos d'água e cercada por vegetação, o que sugere uma conexão forte com o ambiente natural. Essas áreas com presença de rios têm grande relevância para a subsistência da comunidade, influenciando tanto suas práticas econômicas quanto culturais, como agroecológicas, a pesca, e os rituais tradicionais.

A localização estratégica ao longo do rio Inhangapi reforça a interdependência entre o modo de vida quilombola e o ecossistema amazônico.

Outros aspectos da vivência local serão enfatizados a partir da visão de território simbólico-cultural. Dentre estes, a religiosidade aparece também como forte aspecto cultural.

Nas comunidades quilombolas, as religiões de matrizes africanas são parte da construção da identidade e da preservação das tradições culturais. Esses sistemas religiosos, como o Candomblé e a Umbanda, são expressões vivas de uma espiritualidade que reconhece a interconexão entre os seres humanos, a natureza e os ancestrais. A devoção aos Orixás e entidades é parte de um complexo universo simbólico-cultural, em que práticas ritualísticas, cânticos, danças e oferendas reforçam os laços com a terra, os cursos d'água e a vegetação ao redor. Assim, essas religiões não só celebram a espiritualidade, mas também constituem uma forma de resistência e resiliência cultural, perpetuando saberes e valores ancestrais que dialogam profundamente com o ecossistema amazônico e com o território simbólico de seus praticantes.

Desde o período da formação do quilombo, as práticas religiosas ligavam-se ao catolicismo. Após a abertura da comunidade para outras religiões, os quilombolas mesclaram crenças, porém mantiveram fortes expressões católicas, a citar a preservação das missas e festividades de santo, dentre as quais destaca-se o Círio de Pitimandeuá que acontece há mais de 150 anos no segundo domingo de novembro e a Festa de São Tomé

realizada no dia 20 de dezembro, caracterizada pelas ladainhas e banquetes.

Além das rezas e procissões, existe uma sociabilidade essencial na Festa de São Tomé. Realizada há 100 anos pela família de Pai Lili, a novena é finalizada com um grande jantar na casa do anfitrião que, ressaltando a característica de união, relação de parentesco e a receptividade com visitantes, falava “quem vem, traz mais alguns”.

Além das práticas religiosas, o Quilombo Menino Jesus de Pitimandeuá possui outras práticas, como a caça, pesca, a apicultura e a criação de galinhas e porcos, voltadas para o suprimento das necessidades familiares. Assim, o quilombo utiliza a terra como condição viabilizadora da existência do grupo, a partir de uma espacialidade rio-floresta-quintal-roça, onde a mão de obra é composta pelos integrantes da família.

Todos esses elementos entrelaçam no espaço uma identificação do grupo pela forma organizacional do território, partindo da herança trazida nas relações de parentesco, da história marcada pelas reciprocidades e na expressão das memórias coletivas. Este último aspecto atualmente tem se modificado na Comunidade Menino Jesus de Pitimandeuá, devido aos casamentos com pessoas de outras etnias.

Assim, a demarcação do território parte da identificação de práticas culturais e da ideia de pertencimento, da autoidentificação e do autorreconhecimento enquanto participantes do grupo, além da memória viva da ancestralidade.

No caso de Pitimandeuá, considerada área rural de Inhangapí, a população relembra a história de fundação da comunidade através dos relatos dos idosos, principalmente de Pai Lili - Senhor Luís Colares, descendente direto dos fundadores do Quilombo.

A oralidade tem papel fundamental para a preservação da história, da cultura e dos saberes da comunidade. Pai Lili conta que Pitimandeuá foi fundada por sete pessoas escravizadas fugidas da região de Caraparú, município de Santa Isabel do Pará, que chegaram a uma antiga fazenda durante o Século XIX.

Assim, configurou-se uma porção espacial que dava condições de sobrevivência livre, tornando o quilombo um lugar de resistência e existência diante da escravidão negra na Amazônia Paraense e no Brasil. Cabe ressaltar que Emiliano Colares, um dos escravos fugitivos que fundaram a comunidade, era avô paterno de Pai Lili.

QUILOMBOS E A CIÊNCIA AGROECOLÓGICA

Historicamente, as Comunidades Quilombolas no Brasil têm se dedicado a práticas agropecuárias para atender suas necessidades alimentares e comercializar excedentes. A partir dos anos 2000, políticas públicas começaram a ser discutidas

e implementadas, muitas das quais focadas na promoção de práticas agroecológicas dentro dessas comunidades. Exemplos importantes incluem o Programa Brasil Quilombola, a Nova Lei de Assistência Técnica e Extensão Rural - Lei n.º 12.188/10 e a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais - Decreto n.º 6.040/2007.

Esta última destaca a necessidade de políticas públicas que promovam o uso equilibrado dos recursos naturais, voltadas para a melhoria da qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras. Baseada na agroecologia, essa política prioriza o uso dos recursos locais e as práticas históricas dos povos tradicionais, alinhando-se com uma perspectiva de sustentabilidade (Karnopp; Quadros; Candoná, 2023).

A agroecologia tem ganhado destaque atualmente, especialmente em comunidades quilombolas onde é praticada, sobretudo por mulheres no cultivo e manejo de ervas medicinais e alimentares. Sua viabilidade social, ambiental, cultural, política e econômica se contrapõe aos modelos tradicionais de desenvolvimento ligados ao liberalismo econômico.

Segundo Ludwig *et al* (2021), o conhecimento agroecológico surge de movimentos articulados que unem as formulações das ciências naturais e sociais com os saberes populares. Assim, a agroecologia se estabelece como um campo interdisciplinar, com princípios teóricos e metodológicos que permitem a criação e o manejo de agroecossistemas sustentáveis.

A transição para essa ciência é viável e se manifesta de forma significativa na agricultura familiar quilombola promovendo a sustentabilidade dos agroecossistemas com base nos princípios agroecológicos. Esses esforços, liderados por mulheres, que preservam saberes ancestrais no cultivo das ervas, integram as dimensões sociais, ambientais e econômicas, formando o "Tripé da Sustentabilidade" (Ludwig; et al, 2021, p.3).

METODOLOGIA

Esta pesquisa apresenta abordagem qualitativa, já que as significações que as interlocutoras atribuem às formas de ensino-aprendizagem dos saberes da tradição presentes em práticas agroecológicas que perpassam a sua dinâmica no cotidiano, ou seja, esta abordagem trabalha com um universo de significações, valores e atitudes, abordando um nível mais profundo das relações, processos e fenômenos, que não podem ser reduzidos apenas a operacionalização de variáveis (Minayo, 1994).

Trata-se de uma pesquisa de campo cujos dados foram coletados na própria comunidade onde as interlocutoras residem, considerando que na pesquisa de campo, o objeto de estudo é investigado em seu ambiente natural, com a coleta de dados ocorrendo nas condições em que os fenômenos se manifestam, permitindo a observação direta dos mesmos (Severino, 2007).

A opção por este tipo de pesquisa ocorreu devido a possibilidade de interação com as erveiras e o âmbito sociocultural das suas práticas de trabalho, na pesquisa de campo ocorre aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os "atores" que

conformam a realidade e, assim, constroem o conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social (Minayo, 1994).

Foram realizadas entrevistas do tipo semiestruturada com as interlocutoras da pesquisa, entende-se que esse tipo de entrevista, embora se inicie com um roteiro pré-estabelecido, durante sua aplicação o entrevistador tem a flexibilidade de adicionar novas perguntas com base no conteúdo das respostas do entrevistado (Oliveira; Fonseca; Santos, 2010).

Na Tabela 1 apresenta-se as participantes da pesquisa, mulheres do Quilombo Menino Jesus de Pitimandeuá-PA, por meio de códigos de identificação, sendo Cientista Agroecológica - CA, enumerados conforme a quantidade de interlocutoras e abordando aspectos como escolaridade e ocupação.

Tabela 1 - Código de identificação das interlocutoras, escolaridade, ocupação

INTERLOCUTORAS		ESCOLARIZAÇÃO	OCUPAÇÃO
CA1	Cientista Agroecológica 1	Fundamental Incompleto	Autônoma
CA2	Cientista Agroecológica 2	Técnico de enfermagem	Dona de casa
CA3	Cientista Agroecológica 3	Fundamental Incompleto	Dona de casa
CA4	Cientista Agroecológica 4	Fundamental Incompleto	Comerciante
CA5	Cientista Agroecológica 5	Superior Incompleto	Estudante
CA6	Cientista Agroecológica 6	Superior Incompleto	Estudante
CA7	Cientista Agroecológica 7	Superior Incompleto	Estudante

Fonte: Autoria própria (2024).

No momento da entrevista foram feitas perguntas abertas que incentivaram as interlocutoras a compartilharem suas experiências, memórias, experiências de ensino-aprendizagem acerca do uso, cultivo e manejo de ervas ao longo de suas trajetórias.

A história oral, que envolveu um processo de planejamento, coleta, análise e interpretação das narrativas pessoais das interlocutoras. Portanto, a base da história oral é o depoimento gravado, a relação entre entrevistador e entrevistado (Dias, 2021).

Antes das entrevistas, ocorreram momentos de diálogos com os sujeitos, em que foi explicada a pesquisa e foram acordados os detalhes sobre a participação, mediante a apresentação do Termo de Livre Consentimento Esclarecido (TCLE), conforme cuidados éticos da pesquisa.

Para a sistematização e análise dos dados, foram elaboradas categorias analíticas e temáticas. As categorias analíticas são desenvolvidas com base no referencial teórico e têm como objetivo facilitar uma reflexão crítica sobre as informações coletadas (Oliveira; Mota Neto, 2011).

Na próxima seção são apresentados os resultados e a discussão da pesquisa de campo, incluindo a análise e interpretação das narrativas das interlocutoras erveiras da comunidade quilombola, que compartilharam suas vivências e histórias sobre o uso de ervas em seu cotidiano, promovendo saúde e sustentabilidade.

MULHERES QUILOMBOLAS: CIENTISTAS AGROECOLÓGICAS DE SABERES TRADICIONAIS

Nesta seção discutiu-se as conexões entre as mulheres quilombolas que cultivam e manejam ervas, seus ensinamentos, as aprendizagens e os conhecimentos acerca da Ciência Agroecológica e sua relação com saúde, saberes da tradição e desenvolvimento sustentável na Amazônia Paraense.

Um dos aspectos observados na pesquisa sobre as mulheres erveiras é a presença de práticas com características agroecológicas visíveis nos quintais com seus vastos cultivos de ervas medicinais, os chamados “quintais medicinais”. Elas exercem um papel fundamental para a agroecologia da comunidade, cultivando a flora de maneira sustentável e com responsabilidade ecológica, garantindo a preservação de várias espécies de ervas para o uso medicinal ou religioso.

As mulheres quilombolas são apontadas como as principais responsáveis pela manutenção dos quintais, (Oliveira, Silva e Lima (2018). São elas que se dedicam no cultivo, manejo e cuidado com as ervas, desde sua plantação até o preparo de chás ou banhos para o uso em suas práticas de curas.

É importante destacar que as contribuições das mulheres na agroecologia exibem um papel fundamental, pois geralmente apresentam conhecimentos valiosos sobre plantas, sementes, e cultivos transmitidos de geração em geração, dotados de conhecimento tradicional e ancestral. Segundo Almeida (2003), a preservação da herança africana em diversos contextos socioculturais brasileiros, a exemplo do cultivo e uso de plantas medicinais por erveiras das comunidades quilombolas, representa uma resistência histórica de séculos de tráfico escravo.

Nesse processo, novas espécies de plantas foram internalizadas e passaram a integrar um novo contexto social, tornando-se essenciais para rituais de saúde. O uso popular de plantas medicinais para cura configura um sistema de saúde não oficial complexo, praticado por aqueles que se autodenominam erveiras.

A entrevista revela um conhecimento profundo e prático sobre o uso de plantas medicinais no território quilombola, com uma abordagem que combina sabedoria tradicional e experiência pessoal, a exemplo do chá de Canarana.

Na comunidade usamos a Canarana como remédio para dor de urina (CA1, 2024) indicando um processo simples de preparação do chá da planta, enfatizando a necessidade de lavá-la antes de ferver.

Por outro lado, CA2 (2024) compartilha informações sobre a escada de jabuti, uma planta usada especificamente para problemas na coluna. A ênfase em não lavar a planta devido à presença de resina indica um cuidado específico na preparação do chá, ressaltando a necessidade de seguir métodos tradicionais para preservar suas propriedades medicinais.

A erva de jabuti, isso também a gente ferve junto com a raiz da urtiga, a folha do abacate, o quebra-pedra e faz o chá para quem tem problema de rim (CA2, 2024). As entrevistas de CA1 e CA2 revelam conhecimentos detalhados sobre o uso de plantas medicinais na região, enfatizando uma combinação específica de ervas para tratar problemas renais.

A menção da erva de jabuti sugere uma prática tradicional na qual diferentes plantas são utilizadas em conjunto para potencializar os efeitos terapêuticos. A inclusão da raiz da urtiga, folha do abacate e quebra-pedra indica uma abordagem holística para o tratamento de condições renais, possivelmente visando efeitos diuréticos, anti-inflamatórios ou outros benefícios específicos. Essa prática demonstra uma integração profunda entre o conhecimento local sobre plantas medicinais e a necessidade de tratamentos naturais para problemas de saúde específicos, como os problemas renais. O processo de fazer o chá a partir dessas plantas reflete não apenas a sabedoria acumulada ao longo de gerações, mas também a valorização das propriedades medicinais das plantas nativas da região.

Da hortelã se faz chá, eu fazia para minha filha, era feito o chá e eu colocava dentro do mingau para ela, para dor de barriga quando era bebê, até hoje, ela já está até grande, mas ela tomou esse mingau dela com chá hortelã (CA4, 2024).

A entrevista com CA4 (2024) oferece um vislumbre interessante sobre o uso tradicional de plantas medicinais, especificamente a hortelã, para tratar problemas de saúde, como dor de barriga em crianças. A prática de preparar um chá de hortelã e incorporá-lo ao mingau para aliviar dores abdominais revela um conhecimento prático e empírico sobre os benefícios terapêuticos das plantas.

Esse uso contínuo ao longo do tempo, mencionado pela entrevistada para sua filha desde bebê até a fase adulta, ressalta a confiança na eficácia da planta como remédio natural. Essa abordagem ilustra como o conhecimento tradicional é transmitido dentro das famílias, destacando a importância das práticas ancestrais na medicina popular. Além de proporcionar alívio físico, essa prática também fortalece os laços culturais e familiares, pois o cuidado com a saúde é compartilhado através das gerações.

A respeito dos ensinamentos e aprendizagens, destacou-se a transmissão geracional como principal forma de compartilhamento de conhecimento, foi frequentemente observada a participação materna, evidenciando o protagonismo das mulheres que são mães.

A tabela 3 destaca as práticas e conhecimentos das erveiras em relação ao uso de diferentes plantas medicinais, evidenciando suas aplicações e benefícios conforme compartilhados por cada uma das mulheres.

Tabela 3 - Uso de Ervas

INTERLOCUTORAS	USO DE ERVA
CA1	Sacaca é muito usada para asseio da mulher, para cuidado da mulher. Pega a folha do algodão roxo, coloca na água morna e soca, no socador de temperos, aí tira o sumo, é coado em um pano, pode colocar mel de abelha ou mel de açúcar, faz um lambedor com alho e limãozinho, muito bom para tirar catarro.
CA2	O boldo, esse daqui você pode fazer um banho, mas você pode fazer para empachamento, quando uma comida faz mal, você faz o chá do boldo e toma. Esse aqui é o pariri, o famoso pariríssimo que é um santo remédio para anemia.
CA3	Essa é a canela, é muito bom para fazer o chá para a pessoa dormir, para lavar a cabeça e para botar a folha no Mingau, é uma delícia.
CA4	O matruz a gente tira uma folha e bate para tomar com leite ou puro, para gripe, pneumonia, doenças no pulmão.
CA5	Esses aqui, são remédios anti-inflamatórios, a Terramicina e a Marcelina, é só pegar umas folhas e fazer um chá.
CA6	Fui curada de hepatite com o chá do ouriço da Castanha-do-Pará, com o umbigo.
CA7	Essa erva a gente conhece como o trevinho roxo, dá uma florzinha, tem muita gente que usa para ornamentar o seu ambiente, mas ela tem um grande poder, a gente tira umas folhinhas, soca e faz aquela trouxinha que é a bonequinha, que nós chamamos, amarra no pano de algodão no ouvido quando está com dor de ouvido.

Fonte: Autoria própria (2024).

As narrativas apresentadas no quadro revelam a diversidade dos saberes tradicionais das mulheres quilombolas na Comunidade Menino Jesus de Pitimandeu, especialmente no uso de plantas medicinais para a promoção da saúde. Essas práticas agroecológicas, profundamente enraizadas na cultura local, não só garantem o bem-estar das famílias, mas também refletem um modelo de convivência sustentável com a natureza, respeitando a biodiversidade e aproveitando os recursos naturais de forma consciente. A mediação desses conhecimentos de geração em geração reforça o papel central das mulheres na manutenção da identidade cultural quilombola e na preservação dos ecossistemas que sustentam essas comunidades.

Nesse contexto, o campo da educação socioambiental se mostra essencial ao demonstrar como as práticas agroecológicas podem ser integradas em iniciativas de ensino-aprendizagem comunitárias. É possível fortalecer a conscientização sobre a importância da sustentabilidade, promovendo um diálogo entre o conhecimento científico e o tradicional.

Dessa forma, as práticas agroecológicas passam a ser não apenas um instrumento de promoção da saúde, mas também uma ferramenta pedagógica que pode transformar a relação das futuras gerações com o meio ambiente e com sua própria cultura, contribuindo para um desenvolvimento sustentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo enfatiza que a ciência agroecológica, especialmente no contexto das comunidades quilombolas, constitui um modelo de desenvolvimento sustentável que respeita a biodiversidade local. Essas práticas, centradas no uso sustentável dos recursos naturais, são essenciais para enfrentar problemas globais como as mudanças climáticas e a degradação ambiental, oferecendo respostas localizadas e culturalmente adequadas.

Neste sentido, o estudo investigou como as práticas agroecológicas realizadas por mulheres quilombolas, especialmente no cultivo e manejo de plantas medicinais, contribuem para a promoção da saúde e para o desenvolvimento sustentável na Amazônia, com foco na comunidade Menino Jesus de Pitimandeuá, no Pará. O estudo propôs compreender os saberes tradicionais dessas mulheres e seu papel na sustentabilidade dos ecossistemas locais.

Os resultados da pesquisa indicam que o objetivo geral foi alcançado ao se obter uma compreensão sobre as práticas agroecológicas dessas mulheres e como tais práticas fortalecem a saúde e a sustentabilidade das comunidades quilombolas.

A partir das análises e discussões foi possível entender como os conhecimentos tradicionais são transmitidos de geração em geração e como esses saberes agroecológicos são aplicados de forma prática e cotidiana, gerando benefícios para a saúde e sustentabilidade das comunidades.

Observou-se que as práticas agroecológicas, ao se relacionarem com os saberes tradicionais, desempenham um papel fundamental no desenvolvimento sustentável da Comunidade Quilombola Menino Jesus de Pitimandeuá. Ao entrelaçar esses saberes com práticas científicas, o estudo evidencia que a agroecologia transcende uma mera questão econômica, configurando-se como uma abordagem interdisciplinar que integra meio ambiente, ensino-aprendizagem, cultura e saúde.

O conhecimento agroecológico dessas mulheres quilombolas reforça a importância da interdisciplinaridade na pesquisa científica, alinhando saberes populares e acadêmicos em busca de soluções sustentáveis para os desafios contemporâneos.

Por fim, este estudo ressalta contribuições para o campo da educação socioambiental ao demonstrar como as práticas agroecológicas podem ser integradas em iniciativas de ensino-aprendizagem comunitárias. Essa abordagem tem o potencial de promover uma valorização substancial dos saberes tradicionais e da cultura quilombola como ferramentas essenciais para o desenvolvimento sustentável. Dessa forma, espera-se que este trabalho inspire novas pesquisas e ações que fortaleçam o diálogo entre ciência e tradição, contribuindo para a construção de um futuro mais sustentável na Amazônia Paraense.

Agroecological science and quilombola women: health, traditional knowledge and sustainable development in the Amazon

ABSTRACT

This study aims to understand how agroecological practices carried out by quilombola women, especially in the cultivation and management of medicinal plants, contribute to health promotion and sustainable development in the Amazon. This research was embodied through the participation of seven women. The *locus* of this research was the Menino Jesus de Pitimandeu Quilombo, located in the municipality of Inhangapí, in the state of Pará. In terms of methodological characterization, it consists of qualitative research; field research, in which data was collected in the homes and backyards of quilombola women. Individual semi-structured interviews were adopted as methodological procedures, with the aim of investigating the conceptions and teaching and learning methods used by the women. This type of interview follows a pre-established script, allowing the interviewer to add new questions as the interviewee's narrative develops, *on-site* observation and filming of the narratives. In order to take part in this research, a Free and Informed Consent Form (FICF) was signed. The results show that teaching, learning and knowledge about the agroecological science of herbs contribute to health and sustainable development in the Amazon.

KEYWORDS: Environment. Education. Agroecological practices. Teaching-learning.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos**: a experiência da partilha através da pesquisa na educação. São Paulo, SP: Cortez, 2003.
- CASTRO, N. R. de; CASTRO, E. F. S.; LIRA, W. L.; SILVA, T. M. S. da. Relação das plantas medicinais e a agroecologia. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 5, p. e4306, 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/4306>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- DIAS, D. M. História oral como metodologia no estudo de culturas de origem africanas: a Comunidade Quilombola de Santo Antônio de Pinheiros Altos, Piranga MG. **Cadernos de História**, v. 22, n. 36, p. 118-128, jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/25592>. Acesso em: 15 jul. 2024
- KARNOPP, E.; QUADROS, A.; CADONÁ, M. A. Agroecologia e Identidade Quilombola: a agroecologia na construção da identidade sociocultural da Comunidade Quilombola de Rincão dos Negros – Rio Pardo/RS. **Agora: Revista de História, Geografia e Gastronomia**, v. 25, n. 1, p. 128-154, jun. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/agora.v25i1.18054>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- LUDWIG, C.; PERONDI, M. A.; MARINI, M. J.; SILVA, C. L. Desenvolvimento local e sustentável por meio das iniciativas de gestão de resíduos sólidos no município de Pato Branco –PR. **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, Curitiba, v. 10, n. 02, p. 197-213, maio/ ago. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/Gildo%20Ribeiro/Downloads/12490-56561-1->. Acesso em: 01 set. 2024.
- MINAYO, C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 9-29.
- OLIVEIRA, I. A.; MOTA NETO, J. C. A Construção de categorias de análise na pesquisa em educação. In: OLIVEIRA, I. A.; MARCONDES, M. I.; TEIXEIRA, E. (Org.). **Abordagens teóricas e construções metodológicas na pesquisa em Educação**. Belém, PA: EDUEPA, 2011. p. 161-179.
- OLIVEIRA, K. S.; SILVA, S. C. F.; LIMA, V. D. de. O protagonismo das mulheres na construção da agroecologia. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO (REDOR), 20., 2018. **Anais eletrônico [...]** Disponível em: <https://sinteseeventos.com.br/site/redor/G6/GT6-10-Kelly.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- QUADROS, A. **Memória Social, Agroecologia e Comunidades Quilombolas**: uma análise a partir da experiência do Quilombo Rincão dos Negros – Rio Pardo/RS. 2002. 134 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/3359>. Acesso em: 23 ago. 2024.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

Recebido: 04 outubro 2024.

Aprovado: 02 novembro 2024.

DOI: <http://dx.doi.org/10.3895/etr.v8n3.19390>.

Como citar:

SANTOS, L. H. G. dos; ALBUQUERQUE, J. V. de. Ciência agroecológica e mulheres quilombolas: saúde, saberes da tradição e desenvolvimento sustentável na Amazônia. **Ens. Technol. R.**, Londrina, v. 8, n. 3, p. 147-160, set./dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/etr/article/view/19390>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Jacirene Vasconcelos de Albuquerque

Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Sociais e Educação/Curso de Pedagogia. Rua Djalma Dutra, s/n. Belém, Pará, Brasil.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

